



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REPENSANDO  
PARADIGMAS

Náira Fernandes Naves

Brasília - DF

2011

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REPENSANDO  
PARADIGMAS

Náira Fernandes Naves

Projeto de monografia apresentado como  
pré-requisito para conclusão do Curso de  
Pedagogia da Faculdade de Educação da  
Universidade de Brasília.

Professora orientadora:

Dra. Patrícia Lima Martins Pederiva

Brasília - DF

2011

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Dra. Patrícia Lima Martins Pederiva (Orientadora) – FE UnB

---

Prof.<sup>a</sup> Ms. Penélope Machado Ximenes Campos – FE UnB

---

Prof.<sup>a</sup> Andréia Pereira de Araújo Martinez – SEEDF

---

Prof.<sup>a</sup> Mônica da Silva Alves (Suplente) – SEEDF

Dedico esse trabalho a todos aqueles que acreditam na Educação como forma libertadora. Educação esta que alia cérebro e coração.

## SUMÁRIO

<b>Agradecimentos.....</b>	<b>6</b>
<b>Resumo .....</b>	<b>8</b>
<b>Memorial .....</b>	<b>10</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>14</b>
<b>Capítulo I –1.1 Como a música tem sido tratada na educação infantil ? .....</b>	<b>15</b>
1.2 Um pouco de história .....	18
<b>Capítulo II – 2.1 Alternativas para a música na educação infantil.....</b>	<b>21</b>
2.2 Respeitem as crianças! .....	28
<b>Capítulo III – Metodologia e Análise dos dados .....</b>	<b>30</b>
3.1 O Projeto 3 .....	31
3.2 Projeto 4 – Estágio supervisionado na Casa de Ismael – Lar da Criança: o lócus da pesquisa .....	33
3.3 Análise de dados e discussão dos resultados .....	41
<b>Considerações finais.....</b>	<b>43</b>
<b>Perspectivas Profissionais .....</b>	<b>45</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>46</b>
<b>Referências.....</b>	<b>49</b>

## **AGRADECIMENTOS**

À DEUS pelo dom da vida e pela Sua Misericordiosa proteção que nos acompanha a todo instante quando Nele integrados.

Aos meus pais por todo o amor e dedicação. Amor que não abafa, e sim deixa crescer. Pelos seus exemplos que dizem mais que mil palavras. Verdadeiras lições de vida.

Agradeço imensamente minha Orientadora Patrícia Pederiva, a qual conheci em 2 disciplinas de Educação Musical e acabou orientando-me nos meus projetos 3, 4 e 5! Pelas autênticas aulas, profundas conversas e por convidar a tantos para encarar a música de uma nova forma.

De forma especial ao meu marido Thiago Mendes, por todo o Amor!

Ao meu irmão Márlus por sempre acreditar em meu potencial.

Merece sincera homenagem aqui as grandes amizades que fiz logo no início desta trajetória acadêmica e que se prolongarão para sempre em meu coração: Danielle, Litiane, Rosiana, Rubens e Sueli. O quanto com eles aprendi, sorri, dividi, compartilhei e diverti. Cuca também entra aqui!

À todos os meus amigos de militância da Boa Vontade que fazem parte da minha vida e que de alguma forma contribuíram com esse trabalho. Neste caso não dá para citar nomes, as reticências falarão mais.

Agradeço imensamente à LBV, Legião da Boa Vontade, escola da Vida, onde aprendi muito do que sou.

À Casa de Ismael que abriu as portas para que eu pudesse concretizar este trabalho. Agradeço muito o carinho de todos os alunos e moradores desta casa onde tive a oportunidade de conhecer e aprender com eles.

Por fim, agradeço a todos os membros da banca examinadora por terem aceitado o convite e pela disponibilidade de estarem aqui neste momento tão significativo para mim. Muito obrigada a TODOS VOCÊS!

“Se fosse ensinar a uma criança a beleza da música  
não começaria com partituras, notas e pautas.  
Ouviríamos juntos as melodias mais gostosas e lhe contaria sobre os  
instrumentos que fazem a música.  
Aí, encantada com a beleza da música,  
ela mesma me pediria  
que lhe ensinasse o mistério daquelas bolinhas pretas escritas sobre cinco  
linhas.  
Porque as bolinhas pretas e as cinco linhas são apenas ferramentas  
para a produção da beleza musical. A experiência da beleza tem de vir antes”.

**Rubem Alves**

## RESUMO

O presente estudo tem por objetivo geral investigar a presença das atividades musicais nas práticas pedagógicas em uma escola de educação infantil. Os objetivos específicos são investigar como música é utilizada em uma escola de educação infantil e investigar quais funções a música pode exercer neste mesmo contexto. É composto por três partes: Capítulo I - Como a música tem sido tratada na educação infantil; Capítulo II - Alternativas para a música na educação infantil; e Capítulo III - Metodologia e análise dos dados. O referencial teórico foi fundamentado na perspectiva histórico cultural de Vigotski o qual prioriza o trabalho pedagógico nas possibilidades de quem aprende, e não nas tão diagnosticadas dificuldades e limitações. O tema escolhido foi a música na educação infantil. A metodologia utilizada foi a pesquisa ação. Para aprofundar a discussão desta temática utilizou-se das contribuições teóricas de alguns autores a fim de dialogar com minhas experiências acadêmicas. Procura-se com este trabalho refletir que a música não se limita a um dom musical inato para os que se aproximam dela. Conclui-se que cada um, dentro das suas possibilidades e limitações, pode encantar-se e envolver-se pela música e sobretudo criar ou expressar-se por meio dela.

**Palavras chaves:** Música, educação infantil, atividades musicais.



## ABSTRACT

The present study aims to investigate as general objective the presence of musical activities in teaching practices in a school of early childhood education. The specific objectives are to investigate how music is used in a childhood school and investigate what functions music can be in this same context. It consists of three parts: Chapter I - How music has been treated in early childhood education; Chapter II - Alternatives to the music in early childhood education; and Chapter III - Methodology and data analysis. The theoretical framework was based on Vygotsky's cultural historical perspective which prioritizes the educational work in the possibilities of the learner, not just on diagnosed difficulties and limitations. The theme chosen is music in early childhood education. The methodology used was action research. To further the discussion of this issue, it was used the theoretical contributions of some authors to dialogue with my academic experiences. It seeks with this work reflect that music does not merely an innate musical gift to those who approach it. It is concluded that each one, within yours capabilities and limitations, can enchant up and get involved in music and especially create or express themselves through it.

**Keywords:** Music, child education, musical activities.

## Memorial

*“Há uma voz que canta, uma voz que dança, uma voz que gira, bailando no ar (...)”* Raul Seixas

E é por esta voz que digo que me apaixonei à primeira escuta! Esta voz é o som, é a vibração, das coisas e dos seres. Ao som das canções de ninar, ao som das fitas K7/CD/MP3, ou mesmo o marulhar das águas ou da sinfonia dos pássaros. O solo de uma guitarra ou também de um violino ou talvez uma sanfona. Aaah a gaita! O corpo, por que não?! Estalos, batuques, assovios. Não importa o instrumento. O que me fascina é justamente a diversidade de sons e o quão o ser humano se torna grande e criativo independente de sua nacionalidade quando se expressa por meio de sons. Emoção é o que eu e muita gente sente quando envolvidos neste universo sonoro.

Nasci em Fortaleza, Ceará, em 1987. Posso parecer jovem, mas tenho um gosto musical bem mais velho do que aparenta. Elvis, Ray, Beatles, Gonzaga, ícones brasileiros, tantos bons lá fora também... Muitos se foram cedo demais, outros se tornaram reis. Morei pouco tempo neste sertão de uma gente que gosto tanto. O forró herdei de lá. Brinco que a batida do meu coração tem o pulsar de uma zabumba. O Tum Tum Tum que está dentro da gente. Cada um de uma forma.

Eu sou de uma terra que o povo padece  
 Mas não se esmorece e procura vencer.  
 Da terra querida, que a linda cabocla  
 De riso na boca zomba no sofrer  
 Não nego meu sangue, não nego meu nome  
 Olho para a fome, pergunto o que há?  
 Eu sou brasileiro, filho do Nordeste,  
 Sou cabra da peste, sou do Ceará.  
 (PATATIVA DO ASSARÉ)

Após dar uma passada por algumas cidades de Minas e Goiás, aos 7 anos me mudei para Brasília. Aqui construí minha vida até meus atuais 24 anos. Mãe mineira, pai goiano, irmão cearense e meu marido... baiano! Esse é

o Brasil! Rico em diversidades. E Brasília é um ótimo encontro para todas elas. Daqui não pretendo sair por um bom tempo!

Não toco nenhum instrumento, sou cantora de chuveiro, mas a música permeia minha vida de certa forma e eu, não consigo me desgrudar dela. Confesso que foi até difícil fazer este trabalho devido sua constante companhia. Na família do meu pai há vários violeiros. São 12 irmãos criados na roça e que também apaixonaram-se pela música. Apesar da vivência no interior, onde muitos preferem o estilo musical sertanejo por exemplo, o que muitos deles gostam mesmo é de música internacional. Então, meu pai sempre teve um violão encostado lá em casa. Daí me veio uma vontade imensa de aprender também. Mas fui vencida pelos calos e quem acabou aprendendo foi meu irmão que toca violão e guitarra. Eu canto em um coral há 18 anos. Minha mãe entrou depois. Lá pude aprender um pouquinho de muita coisa. Viajei, conheci muitos estilos e pessoas tão apaixonadas quanto eu. Ah como é lindo quando todas as vozes se juntam numa coisa só! Meu marido tem um saxofone. Mas ainda está aprendendo.

Toda minha trajetória estudantil foi em escolas públicas. Quando terminei o Ensino Médio entrei logo em seguida em um cursinho pré-vestibular, pois havia feito PAS no Ensino Médio mas não passei. Sabia que seria difícil, mas não impossível. Apenas tinha em minha cabeça que iria tentar quantas vezes fosse necessário até passar. E foram várias vezes mesmo! Mas como não queria fazer uma faculdade particular e nem poderia naquela época era meu desafio passar na majestosa UnB.

Então veio o resultado. Não por mim, pois eu nem imaginava passar. Amigos e amigas prepararam aquela bagunça de todo calouro e assim me vi na primeira semana de calourada da UnB. Foi então que conheci melhor a história de luta desta universidade. Cenários marcantes da época da ditadura, expoentes que passaram por aqui, conheci um pouco da gigante cidade UnB (o que foi feito com tochas em forma de protesto, pois para alunos do noturno as limitações são bem maiores). Nesse período de adaptação foi quando conheci uma turma de amizades que não se perderam ao longo desses 5 anos e meio. 11 semestres, entre idas e vindas estávamos ali. Algumas disciplinas

espalhadas mas crescemos juntos nesta universidade. Foi então que vi o quanto de diversidade há neste lugar. A começar pelas diversas crenças e nacionalidades desses 5 amigos: Danielle (espírita), Sueli (católica), Rosiana (evangélica) Litiane (ateia) Rubens (uma mistura) e eu (Religião de Deus), ecumenismo total. E quando junta tudo isso dá uma mistura maravilhosa e riquíssima de amigos insubstituíveis. Cada um com sua história e peculiaridade. Humor, garra e esforço sempre presente. Amadurecemos nos conteúdos, nos aprendizados e, sobretudo na vida. A UnB é uma escola única e deveria ser mais acessível a tantas mentes brilhantes que estão fora dela.

Os anos foram passando, e, estudante trabalhador do noturno acaba perdendo um pouco (um tanto) do que a universidade tem pra oferecer. Apesar de tudo, ainda fiz muitas disciplinas enriquecedoras e conheci excelentes professores que muito contribuíram em minha formação (outros nem tanto). Muitos colegas começavam a se formar no 6º, 7º, 8º semestre e eu e “minha trupe” nada. Foi quando vi que conheci tantas vertentes da Pedagogia que não sabia bem ao certo o que iria nortear minha monografia, requisito obrigatório para conclusão do curso.

Em meados de 2009 foi ofertada a disciplina Fundamentos da Arte na Educação pelo professor Lúcio Teles. Interessei-me, pois eram raras as disciplinas artísticas no curso noturno. No meio da disciplina o professor mencionado teve que se ausentar e entrou a professora Patrícia Pederiva da área de música. Meus olhos se encheram. Finalmente algo musical que eu podia fazer! Mas essa professora veio com uma proposta musical bem diferente. Ela então perguntou um a um na turma quais eram suas experiências musicais. As respostas foram as mais variadas. Quando ao final ela responde: ótimo! Quanto menos experiência musical melhor ainda para fazer esta disciplina. Ela apostava muito mais nos futuros Pedagogos ensinando música em sala de aula do que nos próprios músicos profissionais, já que os pedagogos são os especialistas em crianças. Foi um espanto e uma novidade para todos! Foi então que conhecemos sua proposta de trabalhar atividades musicais com as crianças na vertente histórico-cultural de Vigotski que veremos nos próximos capítulos deste trabalho.

Após dois semestres lá estava eu fazendo outra disciplina da Professora Patrícia: Fundamentos da Linguagem Musical na Educação. Foi então que tive a certeza de que tema gostaria de trabalhar na minha monografia. Surge então o Projeto 3 as três fases com a professora Patrícia. Por indicação da professora, devido aos projetos, conheci e participei do novo Coral da Faculdade de Educação o “Educanto” regido pelo figura do Felipe Freitas, ex-aluno da música na UnB e grande artista. O que me seguiu no ano seguinte foram culminância do Projeto 4, estágio em educação musical, na Casa de Ismael, o que resultou em minha pesquisa para a realização deste trabalho monográfico. Foi lá que tive, pela primeira vez, contato como educadora musical de crianças, e bebês! Este trabalho foi feito em parceria com meu amigo Pedro que também estava “no mesmo barco”.

Para mim, concluir este curso é uma grande vitória e uma grande satisfação de Pedagoga. Quando muitos me perguntavam o que iria cursar a nível superior e eu respondia Pedagogia as expressões até mudavam. Infelizmente ele é um curso tão importante e ainda desvalorizado. Saio uma Pedagoga com muito orgulho e sabendo da tamanha responsabilidade que tenho enquanto educadora, na certeza de que quero contribuir de alguma forma na área educacional.

## Introdução

Dado que a música na Educação Infantil tem sido utilizada de modo restritivo como instrumento de controle do comportamento das crianças em diversas atividades, ou seja, música para acalmar, música para disciplinar, organizar etc. Pergunta-se se é possível intervir nesta realidade que limita a atividade musical no sentido de compreendê-la em sua totalidade e singularidade com conteúdos específicos? É possível que a concepção sobre música nesse contexto esteja equivocada.

Muitos fatores têm denegrido a imagem e a forma como a música é encarada e vivenciada nas escolas. É possível que haja demasiada interferência da cultura de massa banalizando a música. Temos percebido também a falta de preparo e formação dos professores e da escola como todo.

Logo, existe uma orientação aos educadores de educação musical nas escolas? A criação de projetos musicais nas escolas contribui com a difusão da educação musical? Que modificações podem ser feitas de imediato e em longo prazo para que a música esteja inserida em sua totalidade no ambiente da Educação Infantil, tendo em vista que a música é atividade cultural própria e singular? Existe uma visão deturpada sobre atividades musicais?

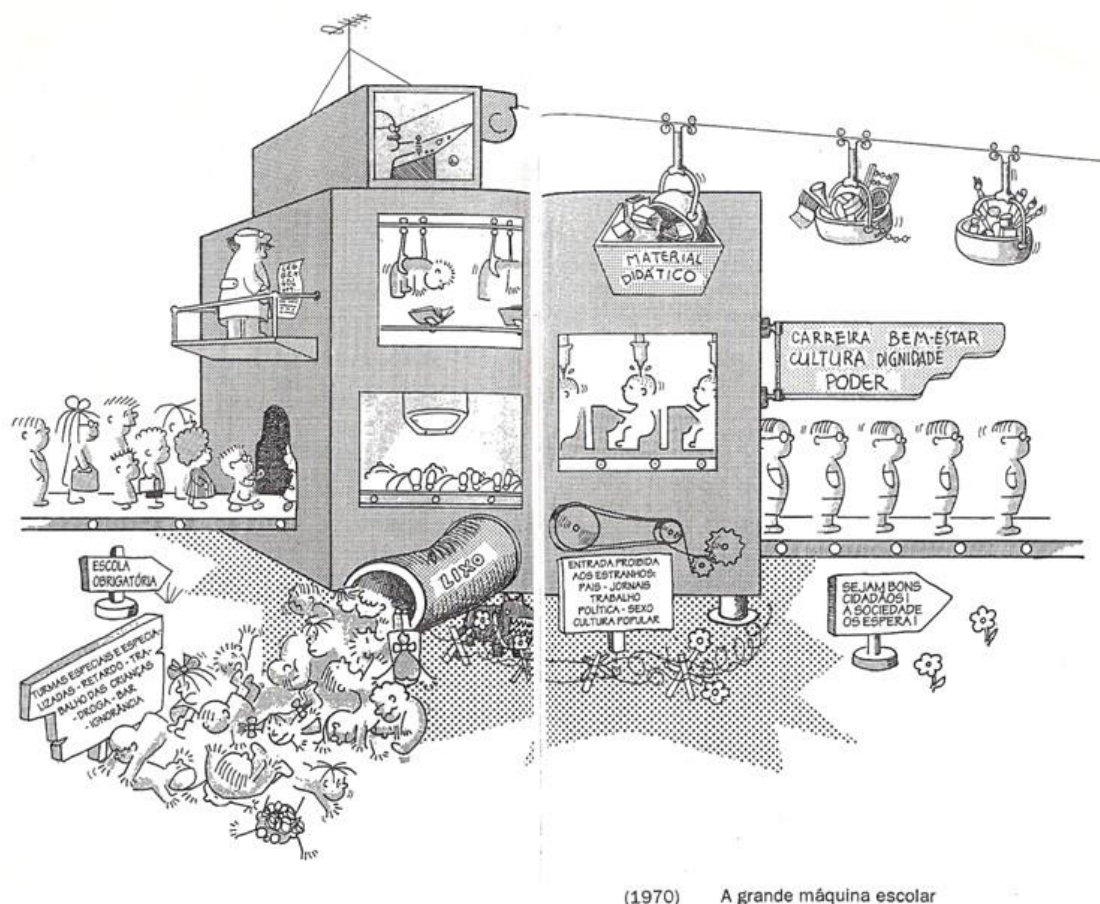
A importância deste trabalho centra-se em que a partir de agosto deste ano de 2011 todas as escolas de educação básica devem passar a oferecer o ensino de música, conforme a Lei de Diretrizes e Bases – LDB – Lei Nº 11.769, de 18 de agosto de 2008. Dessa forma, faz-se necessário pesquisar as práticas nesse ambiente.

O Objetivo Geral do trabalho é investigar a presença das atividades musicais nas práticas pedagógicas em uma escola de educação infantil.

Delimitei como objetivos específicos os seguintes:

- Investigar como a música é utilizada na escola investigada no contexto de educação infantil?
- Investigar quais funções a música pode exercer no ambiente escolar de educação infantil?

## Capítulo 1: 1.1 Como a música tem sido tratada na educação infantil



TONUCCI, Francesco. **Frato:40 anos com olhos de criança**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2008, p. 144 e 145.

Esta ilustração de Tonucci nos revela aquilo que aconteceu e ainda acontece em muitas escolas espalhadas pelo mundo. Estão educando crianças para reproduzirem aquilo que o professor reproduz, reproduziu e reproduzirá durante seus anos de docência. Preparam todos de maneira igual e padronizada onde não se respeita nem levam em consideração as diferenças e as peculiaridades de cada educando. Pelo contrário, descartam aqueles que não se adequam a tal padrão taxando-os de errados e com “problemas”. São os excluídos. Já os que são selecionados para o “sucesso” são manipulados para obedecerem às normas e conhecimentos estabelecidos mantendo o sistema vigente no controle social.

Não se pode conversar nem olhar para o lado. Silêncio! Atenção, a professora está falando. Sentem corretamente em suas fileiras. Só falem quando autorizados. Quem dá a nota é o professor. Se não respondeu conforme o esperado está errado. Infelizmente este ainda é o discurso corrente em muitas escolas. O professor é o ditador das regras. Há uma tendência que está transformando esta realidade, porém, ainda pouco exercida.

Para que haja a liberdade de comunicação e expressão, o que favorece a verdadeira educação, o professor deve ser o organizador do ambiente social e não o ditador. Deve propor momentos de aprendizagem onde o educando possa interagir e trazer sua bagagem de vivências também. E é nesse momento de liberdade que há também a necessidade de responsabilidade para que não haja confusão nem falta de sentido às coisas. Diz Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Autonomia*: “É no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade” (FREIRE, 1996).

A música neste contexto deve ser encarada da mesma forma. Se uma pessoa não se encaixa nos padrões musicais de afinação e adequação estabelecidos pelas escolas de música formais não quer dizer que devam ser excluídos de expressarem sua música e sua forma de perceber a música. E sobre este paradigma e novas possibilidades da música na educação que este trabalho se centra, sobretudo no contexto da Educação Infantil.

Atualmente a música para as crianças tem sempre uma finalidade tal como acalmar, disciplinar, música na hora de lavar as mãos, na hora de comer, na hora de dormir, na hora da fila, para fazer silêncio, etc. Não que tais momentos não necessitem de música. Há sim sua importância e direcionamento para tais momentos. O que não podemos confundir e deixar de explorar são os momentos em que a música seja livre expressão e criação para cada criança.

Outro aspecto relevante a ser destacado é a presença da música nos currículos escolares. Durante muitos anos a música embora presente em atividades de recreação, em festividades e, sobretudo nas atividades diárias escolares, como disciplina ainda estava ausente dos currículos. Em 1996, após uma ausência de cerca de trinta anos dos currículos escolares, a música foi contemplada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.9394/96,



com o reconhecimento de seu *status* como disciplina. Dessa forma, mesmo que apenas na teoria, a música ganhou lugar na escola. No entanto perdeu-se novamente no tempo, ganhando nova lei em 2008, a qual exige que a partir de agosto deste ano de 2011 todas as escolas de educação básica passariam a oferecer o ensino de música, conforme a Lei de Diretrizes e Bases – LDB – Lei Nº 11.769, de 18 de agosto de 2008. Nesta perspectiva, Loureiro (2003) destaca que o ensino das artes, especialmente da música:

“deve ser considerado na educação escolar da mesma forma que outras áreas do conhecimento, como a matemática, a língua portuguesa, a história etc. Porém, por oferecer uma forma de conhecimento específico, deve ser encarado de modo organizado, coerente, que o situe entre vivência, expressão e compreensão (...) Resgatar o ensino de música no currículo escolar é defendê-lo como área de conhecimento sério, dotada de valor e significado” (LOUREIRO, 2003).

Tais assertivas fazem com que o ensino de música nas escolas seja importante e até mesmo indispensável não só para os educandos mas também para todos os que se encontram envolvidos na busca de novos rumos para a escola brasileira, onde a presença da diversidade cultural e social seja cada vez mais respeitada e valorizada.

## 1.2 - Um pouco de história...

Que a música está presente desde nossos antepassados todos sabem. Homens primitivos se expressavam por meio de sons, imitações, etc. Nas antigas civilizações a música ganhou diversas formas e contextos também. Na Grécia, no Egito, no Oriente, na África, na Espanha, nas Américas etc.

No contexto do Brasil, quando após o descobrimento, os jesuítas vieram para o país, os quais são considerados os primeiros educadores no Brasil, estes trouxeram valores e práticas que iriam exercer grande influência no conceito de educação brasileira, e de tal forma, foi inevitável que também influenciassem a educação musical brasileira com suas características militares e lusitanas, onde prevalecia o rigor metodológico de uma ordem, a obediência à hierarquia, e o controle das vontades prevalecendo os valores da nação. (FONTERRADA,2005)

Segundo Fonterrada (2005), dentro desses princípios racionais e metodológicos que provavelmente se instalou no Brasil a primeira proposta pedagógica em educação musical, em que os curumins das missões católicas eram treinados exaustivamente e aprendiam música e autos europeus. Ou seja, a educação musical, bem como as outras, eram diretamente veiculadas à Igreja durante o período colonial.

Com a chegada da família real de Portugal ao Brasil em 1808, a música foi deixando de ser restrita à Igreja estendendo-se aos teatros os quais recebiam companhias estrangeiras. Embora com alguns valores metódicos arraigados, a prática da música popular informal começava a se firmar no país, valorizando um pouco mais de espontaneidade, habilidade instrumental e improvisação. Um ano após a Proclamação da República, em 15 de Novembro de 1889, mais um importante passo em direção ao ensino de música nas escolas: pela primeira vez, passava-se a exigir como decreto federal a formação especializada do professor de música. (FONTERRADA, 2005). Ao que parece, a profissão começa e se estabelecer. Mas ainda passou e passa por muitos obstáculos.

No início do século XX, o ensino de música na Europa sofre mudanças influenciadas pelo movimento escolanovista onde se destacam músicos e pedagogos como Edgar Willens (1890-1978), Jacques Dalcroze (1865-1950),

Carl Orff (1895-1982), Maurice Martenot (1898-1980), Zóltan Kodály (1882-1967), entre outros (LOUREIRO, 2003).

No Brasil, ainda no século XX, Anísio Teixeira ao fazer a proposta da Escola Nova, propôs que o ensino de música não deveria restringir-se a alguns talentosos, mas ser acessível a todos, contribuindo para a formação integral do ser humano. Surgem também, no Rio de Janeiro e em São Paulo os conservatórios para o ensino de especialização em música.

Em 1920 com a chegada do modernismo, o pioneiro Mário de Andrade defende a função social da música e importância do valor do folclore e da música popular. A identidade brasileira começa então a ganhar espaço. Na mesma época surge a figura de Villa-Lobos, que em pouco tempo torna-se um dos mais importantes nomes da educação musical no Brasil, ao instituir o canto orfeônico em todas as escolas públicas brasileiras (FONTERRADA, 2005).

Na década de 1960, o canto orfeônico foi substituído pela educação musical. Em 1971 houve grande reviravolta no ensino da música nas escolas com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, n.5692/71, onde o ensino de música perdeu seu espaço na escola, tornando a disciplina substituída pela atividade de educação artística. Após isso, foi necessário mais de 30 anos para que a música voltasse a ser encarada como uma disciplina normal com conteúdos específicos, o que se deu em 2011.

Fonterrada (2005), já previa a implantação desta Lei ao ser questionada sobre quem deveria dar aulas de música, caso fosse o músico que é também professor de educação musical:

(...) Após o hiato da música nos trinta anos que se seguiram a LDB n. 5692/71, diminuiu tanto o número de professores de música que, se hoje, (2005), por decreto, fosse reimplantado o ensino de música nas escolas, já não seria possível cumpri-lo. Sendo assim, é preciso resgatar o professor que, mesmo não sendo músico, goste de música e a traga para dentro da escola (FONTERRADA, 2005, p. 255).

O ensino de música no Brasil passou por períodos de grande efervescência sonora interrompidos, e também, por momentos angustiantes de silêncio (LOUREIRO, 2003).

Embora nos meios científicos e acadêmicos a música seja reconhecida, na realidade escolar isso não ocorre. O que encontramos nas escolas são práticas isoladas e bastante irregulares. Em algumas poucas escolas há professor e carga horária específicos para música; em outras, só há o ensino de música na educação infantil e mesmo assim como função recreativa e disciplinadora. Quando não, a aula de música se resume em ensaiar e treinar os alunos para a formação de uma banda ou coral, e para isto, acabam escolhendo apenas alguns dos alunos considerados mais aptos para a música e excluindo os que não se adequam aos padrões da música formal (LOUREIRO, 2003).

O fato é que se há música como disciplina escolar, pouco tempo é reservado para sua prática, a não ser como recreação ou como recurso didático, para animar as festas escolares ou para minimizar as dificuldades no processo de ensino e aprendizagem. São raras as escolas que se propõe a realizar um trabalho bem orientado e estruturado para o ensino de música. Não menos rara é a presença do professor especializado para realizar tal trabalho de forma dinâmica e com qualidade, tendo em vista que a formação do professor/pedagogo carece dos elementos fundamentais da arte musical.

A psicóloga e antropóloga Fonterrada (2005) afirma:

(...) Até que se descubra o real papel da música, até que cada indivíduo, em particular, e a sociedade, como um todo, se convençam de que ela é uma parte necessária, e não periférica, da cultura humana, até que se compreenda que seu valor é fundamental, ela terá dificuldades para ocupar um lugar proeminente no sistema educacional (FONTERRADA, 2005, p. 330).

É necessário então que a música entendida desta forma, como explicitado acima, seja difundida nas escolas, universidades, debates, para que assim, entendam o real valor da música na cultura humana.

## Capítulo 2

### 2.1 - Alternativas para a música na Educação Infantil

Quando falamos em música, a maioria das pessoas pode pensar ser um dom para poucos. Neste trabalho veremos esta temática de uma forma diferente e que possivelmente pode estar equivocada. A música faz parte de nós e de todo aquele que vai ao encontro dela. Não é preciso tocar um instrumento ou cantar afinadamente ou estar em um curso para entender a música e se expressar por meio dela. Tom Mendelez, não tem os dois braços e toca violão com os pés. João Carlos Martins não pode exercer a atividade que ele mais ama, que é tocar, devido ao problema de suas mãos, no entanto não desistiu, insistiu e se tornou regente. Bethovem era surdo, e se tornou um músico de referência. Ray Charles era cego e um grande músico. Maria não toca nada e nem tampouco canta, mas faz sons com o próprio corpo. João não toca, não canta e pensa que não tem ritmo pra batucar, mas é amante da música como um todo. Pessoas e histórias que mostram que a música não limita a um dom musical para os que se aproximam dela. Apenas é preciso dedicação, trabalho, estudo e amor. Cada um, dentro das suas possibilidades e limitações, pode encantar-se e envolver-se pela música.

Pederiva (2005) analisa o mito do dom inato:

Por sua vez, aqueles que não se adaptam ao padrão de aprendizagem estabelecido pela escola de música formal, (...) são excluídos. São entendidos como uma espécie de seres amusicais, ou seja, pessoas que não possuem, de acordo com essa visão, capacidades e habilidades inatas para serem músicos. A crença no mito do dom musical, no dom de poucos e para poucos, implica, dessa forma, um distanciamento entre seres humanos e a música. Gera descrença nas possibilidades humanas e, assim, a exclusão (PEDERIVA, 2005, p.15).

Dessa forma, é possível compreender que a música deve ser difundida, agora mais do que nunca em sua obrigatoriedade nas escolas, como uma forma de expressão do ser em sua totalidade e com conteúdos específicos e não como instrumento de “fazer algo” ou um “meio” para alcançar algo. Mas sim o percurso que ela tem em si, como atividade humana, como disciplina específica, como ferramenta cultural. Não se trata apenas de objetivar a formação de músicos (cantores ou instrumentistas) nas escolas, e sim abrir espaço para verdadeiras formas de expressão musical. Urge pensar sobre isto, no ambiente onde a música se faz presente.

Segundo Vigotski (2009), qualquer inventor, mesmo um gênio, é sempre um fruto de seu tempo e de seu meio. Sua criação surge de necessidades que foram criadas antes dele e, igualmente apóia-se em possibilidades que existem além dele.

Creio que é nessas possibilidades que o ambiente musical deve fundamentar-se. Considerando seu tempo e espaço, criando novas possibilidades sem deixar que as que deram certo no passado que nos trouxe até aqui se findem.

A respeito do que a vivência musical pretende na educação defende Sekeff (2007):

(...) Para além da lógica e do pensamento rotineiros, dominando procedimentos libertadores e otimizando funções cognitivas e criativas, a vivência musical que se pretende na educação não diz respeito apenas ao exercício de obras caracterizadamente *belas*, assinaladamente *bem-feitas*, mas sim a todas que *motivam* o indivíduo a romper pensamentos prefixados, introduzindo-o à projeção de sentimentos, auxiliando-o no desenvolvimento e no equilíbrio de sua vida afetiva, intelectual e social, contribuindo enfim para a sua condição de ser pensante (SEKEFF, 2007, p. 128, *itálicos da autora*).

A concepção da autora assegura que o poder da música e o papel que ela desempenha e pode vir a desempenhar na vida de todos os seres humanos tem que ser revisto. Seus estudos propõem aos leitores a levantar questionamentos e reflexões promovendo, principalmente no educador, uma análise das reais possibilidades e do alcance da música na educação. Tal autora afirma também que a música nasce diretamente de nosso corpo, mente e emoções. Desse modo, longe de ser tão somente uma experiência estética, o exercício da música é também uma experiência fisiológica, biológica, psicológica e mental, com poder de nos fazer sentir (SEKEFF,2007). A autora ainda acrescenta:

(...) Música não é somente um recurso de combinação e exploração de ruídos, sons e silêncios, em busca do chamado *gozo estético*. Ela é também um recurso de *expressão* (de sentimentos, ideias, valores, cultura, ideologia), um recurso de *comunicação* (do indivíduo consigo mesmo e com o meio que o circunda), de *gratificação* (psíquica, emocional, artística), de *mobilização* (física, motora, afetiva, intelectual) e *autorrealização* (o indivíduo com aptidões artístico-musicais mais cedo ou mais tarde direciona-se nesse sentido, seja *criando* - compondo, improvisando -, *re-criando* – interpretando, tocando, cantando, “construindo” uma nova *parição* -, ou simplesmente *apreciando* – vivenciando o prazer da escuta) (SEKEFF, 2007, p. 14, itálicos da autora).

É nesta proposta de enxergar a música para além da técnica e alcançar seu poder de emocionar e transformar e unir que fundamenta-se este trabalho acadêmico. Procura-se aqui instigar um novo olhar sobre a música na educação, com conseqüentes mudanças de paradigmas no ensino. Nesse sentido, retoma-se a afirmação do filósofo Cesare de La Rocca, citado por Sekeff (2007), de que “o artista é o pedagogo da humanidade, pois sua arte provoca nas pessoas mudanças profundas de mentalidade, atitudes, hábitos e comportamentos, que são os grandes resultados de todo o processo educativo” (La Rocca, 2000, p.13).

Desse modo, a questão a ser repensada, não é apenas incluir a música como uma disciplina curricular, ou acreditar que ela é a solução dos problemas dos educandos. A questão é, como afirma Sekeff (2007), refletir e aproveitar o alcance de uma ferramenta que possibilita ao indivíduo ir além do imaginado, pois permite o acesso a dimensões para além das reveladas pela lógica, pelo raciocínio e pensamento discursivo. Ou seja, a proposta é não apenas ensinar os princípios básicos da música formal (escalas, ritmo, melodia, timbre, harmonia, afinação, canto, manuseio de instrumentos etc.), mas, além de oferecer tudo isso, oferece o que mais tem de precioso na música, que é seu encanto, seu poder de introspecção, de autoconhecimento, de explorar sentimentos e emoções que movem o ser humano, tornando-o um ser HUMANO.

Sekeff (2007) nos propõe a refletir sobre tal pergunta: **“Por que música nas escolas?”** E nos traz uma série de respostas infundáveis:

(...) Porque música é linguagem que se relaciona com experiências humanas; porque transcende a pura experiência sensorial assentando-se numa maior discriminação intelectual; porque o conhecimento que advém dessa prática confirma o conceito de que o saber não tem um fim em si mesmo mas nas ações que permite; (...) (SEKEFF, 2007, p. 172)

E avançando neste pensamento dos “porquês”, acrescento que a música é um mundo de possibilidades e de comunicações entre seres de até mesmo outras línguas e culturas, a música aproxima, envolve, expressa e cria. Ela está presente na história, na matemática, na poesia, no cinema, no teatro, na natureza, no corpo humano. Música é gesto, é expressão corporal, é preencher o espaço vazio ou abrir espaço para o vazio. São consideráveis suas possibilidades no campo da motivação, da emoção e da criação.

Apresento agora alguns aspectos sobre criação trazendo as contribuições de um grande estudioso do assunto, Lev Semionovich Vigotski., no contexto da criação infantil. Ele define atividade criadora do homem como



aquela em que se cria algo novo. Pouco importa se o que se cria é algum objeto do mundo externo ou uma construção da mente ou do sentimento, conhecida apenas pela pessoa em que essa construção habita e se manifesta (VIGOTSKI, 2009).

A ideia de criação para muitos ainda prevalece aquela que, para se criar, tem-se que ser um gênio ou cientista, que fazem descobertas notáveis para a humanidade. Vigotski traz uma ideia inovadora de criação que vai além desta:

(...) Daí é fácil perceber que a nossa ideia cotidiana de criação não corresponde plenamente à compreensão científica dessa palavra. No entendimento comum, a criação é o destino de alguns eleitos, gênios, talentos que criaram grandes obras artísticas, fizeram notáveis descobertas científicas (...). Reconhecemos de bom grado e prontamente a criação na atividade de Tolstói, Edison e Darwin, porém é corriqueiro pensarmos que na vida de uma pessoa comum não haja criação (VIGOTSKI, 2009, p. 15).

E esta criação por sua vez, se modifica ao longo do tempo, onde vão surgindo novas criações e verdades pelos indivíduos das conseqüentes épocas. O que para nós hoje é uma novidade, amanhã poderá ter caído por terra. Mas o que nos importa neste momento é discorrermos a respeito do processo criador que todo ser humano carrega consigo.

Dentro desse processo criador é possível que as aulas de educação musical sejam extremamente criativas, tendo em vista que se trabalha o indivíduo como um todo. Ponso (2008) sugere uma série de ações interdisciplinares na educação infantil que envolvem a música. Para ela, a melhor forma de se trabalhar em educação infantil é no formato de projetos interdisciplinares. Para isso, requer dos professores criatividade, comunicação, integração e trabalho em equipe. Explica a autora que o especialista em música deve estar preparado para interagir com todas as áreas do conhecimento, que na educação infantil, principalmente, não se limitam às ciências naturais, humanas ou físicas. A demanda emocional, o afeto, a relação

humana de carinho e amizade podem determinar o sucesso da atividade em sala de aula (PONSO, 2008).

Uma instituição educacional em que o afeto e a espiritualidade ecumênica estão muito presentes é na Legião da Boa Vontade. Há décadas essa prática educacional é aplicada com excelentes resultados (índice de evasão escolar 0 e ambiente sem violência) por meio da Pedagogia do Afeto (direcionada aos bebês e às crianças de até 10 anos de idade) e da Pedagogia do Cidadão Ecumênico (a partir dos 11 anos). A proposta pedagógica da rede de ensino tem como metodologia o MAPREI (Método de Aprendizagem por Pesquisa Racional, Emocional e Intuitiva) onde o educando é o protagonista do processo de construção do conhecimento, que encontra naqueles que o orientam e nos recursos disponíveis o apoio necessário para ter seus direitos assegurados e os limites para o cumprimento de seus deveres. O educador então, é aquele que orienta, sugere, direciona e sistematiza o processo educacional, ensina e aprende, colocando-se como apoiador do aluno na busca pelo conhecimento. Nas unidades educacionais da LBV o aluno é considerado um ser espírito-biopsicossocial, pois ele já traz consigo o registro de experiências que contribuirão para o aprendizado. “Unir Matemática e Solidariedade, História e Respeito, Educação Física e Cidadania, unir cérebro e Coração. Eis a fórmula que têm gerado excelentes frutos”, é o que ressalta a pedagoga e supervisora da pedagogia da LBV, Sueli Periotto.

Trago este exemplo não de forma dogmática e fanática, muito menos religiosa (no sentido pobre da palavra), mas sim um dos muitos casos de sucesso que tem acontecido pelo mundo e que cabe aqui ser destacado. Esclarece também o presidente e educador desta rede de educação com Espiritualidade Ecumênica, Paiva Netto:

(...) A nossa ferramenta, porquanto, para erigir o Cidadão Ecumênico (religioso ou não) é algo de que não podemos prescindir: o espírito universalista, cujo instrumental seja a Solidariedade, iluminando mentes e sentimentos. Habitamos uma única e imensa morada, a Terra. Se não marcharmos na direção do entendimento, onde haveremos de residir se a

loucura do egoísmo e da ganância não for afastada de nossos caminhos, neste planeta em novos tempos de globalização?(...) (NETTO, 2000).

Enquanto não prevalecer o ensino eficaz por todos os de bom senso almejado, o Brasil padecerá cativo das limitações que a si próprio se impõe. (...) (NETTO, 2008).

Realmente creio que se faz necessário que as instituições escolares não pensem apenas em formar “robores do saber”, máquinas de conhecimento ambulante, pensando em formar apenas cérebros uniformes, padronizados e controlados, esquecendo que dentro deste ser humano há sentimentos, valores, vivências. Um bom passo para que essa valorização do ser humano aconteça é a educação de forma integral, que busca explorar o indivíduo em sua totalidade, para que haja liberdade (não libertinagem) de expressão, criação, busca e troca de conhecimentos, respeitando o ser em sua diversidade.

## 2.2 - Respeitem as crianças!

### **Tudo o que eu precisava realmente saber, aprendi no Jardim da Infância**

Não foi na Universidade nem na pós-graduação que eu encontrei a verdadeira sabedoria, e sim no recreio do jardim da infância. Foi exatamente isto que aprendi: compartilhar tudo, brincar dentro das regras, não bater nos outros, colocar as coisas de volta no lugar onde as encontrei, limpar a própria sujeira, não pegar o que não era meu, pedir desculpas quando machucava alguém, lavar as mãos antes de comer, puxar a descarga do banheiro.(...) Também descobri que café com leite é gostoso, que uma vida equilibrada é saudável e que pensar um pouco, aprender um pouco, desenhar, pintar, dançar, planejar e trabalhar um pouco todos os dias, nos faz muito bem. Tirar uma soneca todas as tardes, tomar muito cuidado com o trânsito, segurar a mão de alguém e ficar juntos, são boas formas de enfrentar o mundo [...]  
(FULGHUM, 2004).

É comum vermos nos consultórios psicológicos crianças diagnosticadas estressadas, ou tímidas demais, ou com inúmeros diagnósticos antecipados. Crianças que possuem uma agenda repleta de atividades tais como escola, natação, *ballet*, escolinha de futebol, aulas de música, inglês, etc. Não está havendo espaço e tempo suficientes para a criança ser criança. Espaço para a criança brincar, sem regras ditadas por adultos, espaço para o não fazer nada e esvaziar a mente da correria mundana. Atividades extras são importantes, sim. Mas é preciso que haja tempo para o momento de criação e imaginação da criança. Vigotski ao analisar o processo de criação na infância afirma:

(...) os processos de criação manifestam-se com toda a sua força já na mais tenra infância. Uma das questões mais importantes da psicologia e da pedagogia infantis é a da criação na infância, do desenvolvimento e do significado do trabalho de criação para o desenvolvimento geral e o amadurecimento da criança (VIGOTSKY,2009, p.16).

Vigotsky afirma ainda, que é possível identificar já na primeira infância, que ele define como sendo a idade de até três anos, processos de criação que se manifestam melhor nas brincadeiras estabelecidas por elas mesmas (Vigotsky,2009).

É claro que, em suas brincadeiras, elas reproduzem muito do que viram [...] As brincadeiras infantis frequentemente são apenas um eco do que a criança viu e ouviu dos adultos. No entanto, esses elementos da experiência anterior nunca se reproduzem, na brincadeira, exatamente como ocorreram na realidade. A brincadeira da criança não é simples recordação do que vivenciou, mas uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas [...] É essa capacidade de fazer uma construção de elementos, de combinar o velho de novas maneiras, que constitui a base da criação (VIGOTSKY,2009, pg.17).

Então, que saibamos, família e educadores, respeitar a criança em sua totalidade, ou seja, oferecer a ela condições para seu desenvolvimento sem limitar o espaço de criação e imaginação da infância.

### Capítulo 3: Metodologia e Análise dos dados

*“Todos quantos têm meditado na arte de governar o gênero humano acabam por se convencer de que a sorte dos impérios depende da educação da mocidade.”*

*Aristóteles*

Este capítulo tem por objetivo apresentar a metodologia da presente pesquisa, o relato das observações realizadas no local da investigação e a análise dos dados.

Antes de tudo, há que se falar que o presente relato de pesquisa trata-se de um histórico de projetos feitos durante o curso de pedagogia na UnB. Ao longo do curso é necessário cumprir 5 projetos acadêmicos. Projeto 1: visa introduzir o calouro à vida acadêmica conhecendo a história da universidade e refletindo sobre educação e pedagogia. O projeto 2: Aprofunda o tema sobre a identidade do pedagogo e sua profissão. O Projeto 3 fases 1,2,3 são projetos individualizados onde o aluno deve se envolver com a comunidade para desenvolver ações educativas. O Projeto 4 fases 1 e 2 é o momento do estágio em sua formulação legal. E finalmente o projeto 5 é a elaboração e defesa de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), momento síntese integradora final do curso.

Muitos estudantes fazem os 5 projetos distribuídos em diversas áreas, ou seja, cada projeto com diferentes temas e professores. Tive a oportunidade de, a partir do Projeto 3 fases 1, 2 e 3; Projeto 4 fases 1 e 2; e Projeto 5 concebê-lo todos na mesma temática (música) e com a mesma professora, onde pude percorrer um caminho mais seguro e consciente.

### 3.1 O Projeto 3

No primeiro dia de aula da disciplina foi feita a seguinte pergunta aos alunos: quem já teve alguma experiência musical? A resposta foi negativa para a maioria. Entretanto, ao final do semestre fomos contemplados com um verdadeiro “show” de composições musicais feitas pelos próprios alunos. Então onde está essa música intrínseca em todos nós? Como despertar isso nos alunos o mais rápido possível para que eles se expressem melhor, conheçam seu próprio corpo e interajam mais uns com os outros perdendo a timidez que em certas ocasiões atrapalham os indivíduos bloqueando-o a viver experiências extraordinárias.

Ao longo da disciplina pudemos realizar diversas atividades musicais:

- Fundamentação teórica (com base nos artigos da Abem – Associação Brasileira de Educação Musical). Construimos e aprendemos conceitos importantes da linguagem musical (melodia, ritmo, intensidade, timbre etc.) e quais as questões atuais a respeito do tema.
- Elaboração de jogos musicais (artifícios necessários para dinamizar aulas de educação musical)
- Análises de composições musicais (percebemos a diversidade de ritmos, sons, melodia, intensidade e quanta criatividade do ser humano em criar sons. Estes podem ser com a voz, com o corpo, com instrumentos externos como vegetais, latas, materiais reciclados etc) Cada grupo enriqueceu a aula com um vídeo diferente.
- Produção de Planos de Aula – recurso essencial para planejamento e execução de uma boa aula.
- Composições – um momento de descobertas e surpresas. Momento de colocar em prática aquilo que foi aprendido ao longo da disciplina. Ritmos como o *Funk*, música indígena, som de chuva, e um forró maravilhoso (com sanfona, triângulo e zabumba!) nos surpreendeu e descontraiu.
- Memorial – Por último foi confeccionar um memorial musical. Guardar e lembrar as boas recordações musicais e projetar novas perspectivas sobre o tema.

Para concluir o Projeto 3 era necessário fazer um trabalho acadêmico com fundamentação teórica e pesquisa bibliográfica, escrito dentro das normas da ABNT e entregue ao final do semestre.

Para mim era difícil pensar na disciplina como um trabalho acadêmico, pois era um momento de descontração e libertação de alma, pois o mundo da música para mim sempre foi um prazer! Porém ao longo do tempo percebi que isso era o que realmente deveria ocorrer em todas as disciplinas. Aprender e prazer andarem juntos. Dessa forma seria bem mais agradável e proveitoso. O empenho é maior e a recompensa também. Música faz bem para quem faz/executa e para quem recebe/ouve.



### 3.2 Projeto 4 – Estágio Supervisionado na Casa de Ismael – Lar da Criança: O lócus da pesquisa

O local escolhido para a realização do estágio supervisionado foi uma sugestão da professora e orientadora, Patrícia Pederiva, que foi a Casa de Ismael. Fica localizada na Asa Norte, é uma instituição sem fins lucrativos que atua na área de assistência social e na área educativa. Atende crianças e adolescentes de 0 a 18 anos e respectivas famílias em situação de risco e vulnerabilidade social contendo os seguintes regimes de atendimento: Abrigo, Apoio Socioeducativo em meio aberto, Orientação e apoio sociofamiliar, Escola de educação infantil e Profissionalização de adolescentes.

Foram noventa horas distribuídas em 3 meses onde pude observar e intervir com práticas de pesquisa ação musical em turmas de educação infantil, com crianças entre 2 e 5 anos de idade, o qual era o foco no momento. Escolhemos este tipo de pesquisa pois nos possibilita intervir na realidade. A pesquisa ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e na qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1997). A pesquisa ação é um método de condução de pesquisa aplicada, orientada para a elaboração de diagnósticos, identificação de problemas e busca de soluções.

No início da pesquisa, logo quando cheguei à escola propondo trabalhar atividades musicais com as crianças, a primeira coisa que me chamou atenção foi a opinião de uma das coordenadoras do local: “- Ah! Que bom! Então vocês vão formar uma *bandinha*?!” Foi então que percebi um grande trabalho pela frente. Desconstruir para reconstruir. Esclarecemos que o trabalho dos estagiários não necessariamente seria formar bandinhas ou corais. Isso até poderia ser uma consequência talvez. Mas seria uma nova proposta de se trabalhar com música. Partindo dos princípios de criação e expressão entre a criança e a música em sua totalidade. Alguns dos educandos eram moradores da Casa de Ismael e outros não.

A realidade encontrada era a de que a música estava bastante presente durante as atividades escolares, porém necessitava de alguns direcionamentos e lhe dada a devida importância e seriedade. Era preciso que entendessem que a música não deve ser usada apenas para uma forma de “adestramento” do comportamento das crianças ou em ocasiões de festividades. A música vai além disso. Ela possui características próprias sendo considerada uma disciplina com seus conteúdos específicos e peculiaridades como qualquer outra disciplina. Ela possibilita também o processo de criação e expressão da criança quando direcionada não somente ao cantar, mas também a explorar outras formas de se fazer som (batucar, estalar, movimentos corporais sonoros etc.) Era preciso que a concepção musical fosse ampliada mostrando-lhes as inúmeras possibilidades do universo musical.

A proposta principal deste capítulo é apresentar as atividades desenvolvidas, ou seja, a pesquisa ação, na Casa de Ismael com as crianças de educação infantil como novas possibilidades de se trabalhar com música mesmo não tendo a formação docente de um profissional da música. Lembrando que há variações nas atividades propostas para o maternal (de 2 e 3 anos) e para o jardim (de 4 e 5 anos).

As primeiras semanas foram dedicadas à observação das atividades de rotina da escola. Basicamente, quando chegam tomam café da manhã, ao entrarem para as salas ocorre uma roda de conversa (“rodinha”) onde eles trocam alguns momentos de experiências, fazem a contagem de alunos na turma, analisam como está o tempo (frio, calor, sol, chuva..), contam alguma história e CANTAM! Ocorre um momento musical para iniciar as atividades do dia. Após a cantoria são iniciadas as atividades pedagógicas planejadas para a semana. Ao término dessas atividades eles têm um momento de lazer variando-as mediante uma escala: parque, quadra de esportes, brincadeiras no pátio, brinquedoteca, vídeo etc. Em seguida há um momento para o almoço e o momento do descanso. Resumidamente esta é a rotina da manhã escolar nesta escola. Durante os três meses em que fiquei estagiando, também ocorriam esporadicamente, algumas atividades extras como passeios, palestras infantis, festas, momentos cívicos, etc.

Em relação aos momentos musicais observados, além das músicas diárias para o início das atividades também era audível elas se expressarem por meio da música em vários outros momentos não direcionados. Como por exemplo, em brincadeiras, durante atividades, ou momentos disciplinadores (hora da fila, hora do silêncio, hora da refeição etc.).

Durante o semestre uma das professoras estava trabalhando em sua turma (Infantil II, 5 anos) a música Aquarela, do compositor Toquinho. Após cantarem a música, a professora perguntou:

- Crianças, quem é o compositor desta música?

Uma das crianças respondeu:

- É o “Pitoquinho”!

Enquanto muitos risos ecoavam, as próprias crianças corrigiram:

- Nããã! É do Toquinho! Hahaha!

A música também era coreografada e seria para uma futura apresentação.

Um detalhe observado durante as cantaroladas das crianças foi a força na voz com que elas entoam as melodias. Achei um pouco “gritado”, o que me veio a pensar: Será que esse esforço não seria prejudicial à saúde vocal delas? Para minimizar inicialmente esta situação mostrei a elas, fazendo exemplos com minha própria voz, a diferença entre o forte e o gritado, atentando que não há necessidade de gritar já que estamos em um ambiente pequeno e todos próximos dos outros.

Após alguns dias de observação iniciei as atividades de intervenção.

A primeira atividade proposta foi a sensibilização da escuta, onde fizemos um *tour* pela escola e ouvimos vários sons que fazem parte dela. Ao final, cada um iria compartilhar os sons escutados. Dentre as muitas falas foram mais comuns sons de: crianças, televisão, pássaros, palmas, professora gritando, passos etc. Em seguida mostrei a eles que há inúmeros sons

ocorrendo à nossa volta a todo instante. Inclusive o som do coração, da respiração etc.

Em outro encontro propus uma atividade de possibilidade sonora de um único material: uma folha de papel. Passamos a folha de um a um no círculo para que cada um fizesse um barulho com ela. Inicialmente foram poucas as variações, mas com algumas dicas pudemos encontrar sons ao amassar a folha, ao rasgar, ao sacudir, ao assoprar, ao esfregar, ao jogar etc.

Foi então que introduzi a atividade de possibilidades sonoras corporais. Perguntei se para fazer música precisam saber tocar ou cantar. A maioria disse que sim. Então primeiramente pedi que cada um fizesse um som com o corpo. Bater palma, pé, estalar dedos, assobiar, bater nas bochechas, fazer barulhos com a boca etc. No início é sempre difícil eles expressarem criatividade pois é uma atividade diferente, mas depois que compreendem melhor vão se soltando. Após cada um se expressar, pedi que fizéssemos algo juntos. Uma parte da turma iria bater o pé em um determinado ritmo e outra iria bater as mãos. No final perguntei:

- Isso é música pessoal?

Eles responderam:

- É!

Eu retruquei:

- Mas cadê os instrumentos? Tem alguém cantando aqui?

Eles ficaram meio confusos e eu conduzi um pequeno debate sobre as possibilidades da música.

Em outro momento levei alguns vídeos de possibilidade sonoras e apresentei aos alunos. No primeiro vídeo um coral simulava o som de um temporal, desde os pingos até os trovões. No outro vídeo um coral imitava um carro em movimento apenas com sons vocais. E assim uma nova consciência musical estava despertando. Foi então que pude aprofundar um pouco certos conceitos como: grave e agudo, forte e fraco etc.

Uma oficina também interessante que vivenciamos foi a oficina “Sentindo o ar”. Perguntei aos alunos: - Quem está respirando? Nem todos levantaram a mão. Por onde entra o ar? O que é o ar? O que acontece se a gente não respirar? Vamos respirar juntos? Puxa o ar e solta o ar. Pela boca e pelo nariz. Coloquem a mão na barriga e veja se está mexendo. Agora coloque a mão na garganta e falem alguma coisa. Mexeu? (vibrou?) e se não falar nada vibra? Então só mexe se passar o ar. Com a ajuda de um balão foi possível visualizar melhor como funciona a entrada e saída de ar. E até mesmo a diferença de quando esticamos a boca do balão o som sai agudo e quando soltamos o ar do balão sem forçá-lo sai um som mais grave.

Essas e muitas outras atividades que citarei a seguir em forma de tópicos foram possíveis de se trabalhar com crianças entre 2 e 5 anos:

- Adivinhações sonoras: Pedi para que eles escutassem vários sons que trouxe gravado no computador. (vinheta do jornal nacional, do chaves, rei leão, o som de um grilo, de um serrote, de alguns animais, etc.) Acertaram todos os sons.
- Apresentei alguns dos diferentes estilos musicais (forró, sertanejo, música clássica, música de ninar, hinos, rock, axé, dance, etc.)
- Passei vários vídeos do quadro “Passarinho que som é esse?” do programa Castelo Ra-tim-bum. Neles foi possível que as crianças conhecessem vários instrumentos musicais, seu nome e sons de forma bem divertida e atrativa.
- História Musical com o Livro “A Menina e o Tambor”. No livro não existem letras. Apenas as ilustrações e os próprios alunos que fazem o som da história. Em um círculo contei a história e eles fizeram a sonoplastia. Coloquei um mini tambor no centro da roda, o que despertou interesse deles. A história fala sobre o som do coração que parece o som de um tambor. “Tum-Tum”. No final, cada um foi até o centro da roda e tocou o som do seu coração. “Como está seu coração?” A atividade desenvolvida pode

estimular a audição, imaginação, improvisação, ritmo, expressão etc.

- Pedi aos alunos que fizessem 3 grupos e cada grupo recebeu um papel com o nome de um ambiente sonoro (floresta, trânsito e chuva). Cada grupo se apresentou e a turma tinha que adivinhar qual era o ambiente sonoro.
- A famosa brincadeira do “Telefone sem fio” ajuda a trabalhar a atenção auditiva e concentração.
- Apresentamos alguns mini instrumentos musicais. Mostramos a eles o nome e o som de cada um. Depois distribuímos entre as crianças e foi um momento de euforia e descobertas. Então um a um tocou seu instrumento e todos adivinhavam o nome. No final todos tocaram juntos. Depois foram revezando os instrumentos.
- Utilizando os mini instrumentos musicais brincamos de cabra cega musical. Uma criança fica de olhos vendados enquanto as outras agitam seus instrumentos (forte ou fraco) dependendo do alcance da criança vendada ao objeto a ser encontrado.
- É possível confeccionar instrumentos musicais reciclados com as crianças, os quais podem ser usados durante as atividades musicais ou em momentos de entretenimento.
- Atividade de registro gráfico das variações sonoras: uma pessoa canta uma música (em nosso caso foi “Aquarela”) ora rápido, ora devagar. E as crianças deverão desenhar de acordo com a velocidade da música. Esta música possui uma letra com vários elementos para um desenho infantil. (sol, castelo, mão, chuva, pingo, céu, barco etc.)

Essas e tantas outras atividades são possíveis de serem desenvolvidas com as crianças. Inclusive composições, análises musicais, muitos jogos

musicais e até mesmo um coral infantil. O importante é aliar à formalidade da música a liberdade de expressão de cada indivíduo.

O resultado deste trabalho de estágio foi observado pelas próprias professoras onde alunos que muitas vezes tinha dificuldade de se comunicar ou expressar ficaram mais a vontade nos momentos de interação com a música e seus elementos. Outros que se extravasavam bastante eram convidados à respeitar o espaço e expressão do outro. Pudemos confeccionar alguns instrumentos musicais para deixar na escola Casa de Ismael juntamente com muitos sorrisos e novas concepções.

O que se pode admitir é que isso foi apenas um princípio e que o trabalho deve ser continuado. Foram apenas poucos meses. Talvez se houvesse mais tempo há possibilidade de um projeto musical mais enraizado e com maiores resultados. Essa foi a abertura de uma nova forma de encarar a música. Saber que não é preciso ter grandes condições financeiras para obter um instrumento musical caríssimo se podemos fazer música de várias formas.

Com a continuidade dos projetos dos alunos da UnB na Casa de Ismael será possível ter continuidade à esta proposta. Até que a própria escola criará sua cultura musical e por si só realizará tais atividades.

Na oportunidade também avaliei o Projeto Político Pedagógico da escola onde obtive os dados que explicitarei nesta pesquisa. A escola Casa de Ismael funciona durante 200 dias letivos anualmente oferecendo serviços de educação, abrigo, cuidados de higiene, alimentação, saúde e esporte.

A avaliação é global e contínua, feita por meio de observação diária e direta levando em consideração o desenvolvimento biopsicossocial e cultural e as diferenças individuais de cada educando. É registrada em relatório individual e comunicado aos pais/responsáveis bimestralmente e ao final do ano letivo.

Com este presente trabalho na Casa de Ismael (o estágio supervisionado) considero um momento riquíssimo onde podemos aprender e observar muito do que foi discutido em várias disciplinas ao longo do curso de pedagogia. Apenas sugiro que momentos como este deveriam permear durante todo o curso, e não apenas ao final dele. Lá, em sala de aula, ao lado

das crianças, é que entendemos o que é um planejamento de aula bem feito, o que é indisciplina, o que é improvisação e criatividade, o que é amar a profissão que escolhemos, ou seja, educadores. E quão gratificante os abraços e sorrisos de nossos pequenos alunos e quão responsabilidade temos em mãos. Responsabilidade com elas, com os pais, com a escola, com a sociedade e com o futuro.



### 3.3 Análise dos dados e discussão dos resultados

O Objetivo Geral do trabalho foi investigar a presença das atividades musicais nas práticas pedagógicas em uma escola de educação infantil. Quanto a isso, observou-se primeiramente, que na escola existiam práticas musicais apenas nos momentos festivos ou durante as atividades pedagógicas lúdicas ou relacionadas ao controle do comportamento das crianças (hora de fazer silêncio, hora de comer, hora da fila, etc.), mas que, com o projeto interventivo, pudemos propor à escola que além desses momentos musicais que já acontecem na escola (e que são muito importantes e eficientes), ainda é possível explorar a música e o potencial criador da criança de muitas outras formas trabalhando as atividades musicais e valorizando seus conteúdos específicos como toda disciplina e sobretudo preservando sua identidade cultural.

Delimitei como objetivos específicos os seguintes:

- Investigar como a música é utilizada nas escolas de educação infantil.

Em linhas gerais, como citado no decorrer deste trabalho, normalmente a música é vista na educação infantil como uma forma de acalmar as crianças, propor à elas momentos de rotina, memorização de atividades, controle de comportamento, tais como hora do silêncio, hora do banho, hora do almoço, hora da fila, aprender a contar, aprender regras etc.) e também muito presente em momentos de festividades, datas comemorativas e apresentações culturais da escola. Tudo isso é de suma importância. O que propomos neste projeto, a partir dos estudos de Vigostki, e conteúdos vistos nas disciplinas de atividades musicais cursadas na UnB, é que há muitas outras possibilidades que podem ser exploradas no universo musical da criança. O que culminou no segundo objetivo específico deste presente trabalho.

- Investigar quais funções a música pode exercer no ambiente escolar de educação infantil.

Além de tudo o que já é trabalhado usando música na educação infantil, ainda é preciso disseminar a ideia de que a música pode ter um fim em si mesma, ou seja, ter conteúdos próprios e valorizada e vivenciada em sua totalidade. Usar música não apenas **para** algo, como apenas um recurso, uma estratégia. Mas sim, que ela pode satisfazer às necessidades de expressão, criação e imaginação da criança. Não é necessário ter um dom inato para lidar com música. Há sim, esta vertente também presente no contexto geral da música e com sua importância também. Mas não podemos limitá-la a isso. Pode ser que este desenvolvimento de habilidade para canto ou regência ou tocar um instrumento venha até a ser uma consequência. Mas não se pode fechar o leque de possibilidades que a música oferece, no tocante da criação, da expressão, da emoção, da aproximação, da reflexão, entre outras características. Trabalhar atividades musicais, como por exemplo as citadas no capítulo anterior, mostra que é possível enxergar a música como um grande universo de novas possibilidades a serem exploradas. Que essas possibilidades não fiquem apenas nos momentos de disciplina e comemorações. Mas também nos momentos de criação e expressão da criança e de todo ser. Respeitando as diferenças e peculiaridades de cada educando, pois cada um tem seu potencial criador e sua forma de sentir e expressar a música. A questão não está apenas no certo e no errado, mas na valorização da troca, do compartilhar, do aprender mais respeitando o espaço e tempo do outro.

Com o desenvolvimento do projeto de atividades musicais na Casa de Ismael foi possível constatar o início de uma nova forma de enxergar a música e o mundo possibilidades que se tem com ela. Foi possível mostrar aos alunos e professores que para se trabalhar com atividades musicais não é preciso necessariamente ser formado em música, sem tirar o valor do profissional da música, é claro. Mas que há possibilidades. Há formas de despertar o aluno para o encanto da música e que, desta forma, no futuro, ele mesmo, ou oportunidades, o façam se aproximar da música pelas formas convencionais também.

## Considerações Finais

“A estabilidade do mundo começa no coração da criança”  
(PAIVA NETTO, 2010).

Sou e continuarei sendo uma pessoa que acredita que a Educação é um importante caminho para transformarmos o mundo para melhor. Isso torna-se mais viável quando começamos desde cedo. Se possível no útero materno. É como a velha história da semente: se bem cuidada hoje, será frondosa e com bons frutos. Se não cuidá-la, secará ou apodrecerá. Parece simples ou utópico. Mas se o mundo fosse feito por desacreditados não teríamos dado nenhum passo a frente.

A música está presente nesta educação. Assim como várias outras formas do saber humano. A música por sua vez, em especial, por ter sido escolhida como tema deste trabalho, mas não em menor ou maior valor.

A respeito das questões levantadas no início deste trabalho podemos concluir que: atualmente poucas escolas oferecem uma orientação aos educadores musicais, entretanto, com a nova lei vigente quanto à obrigatoriedade do ensino de música esta realidade está mudando aos poucos. As escolas estão cada vez mais buscando se aperfeiçoar no quesito de educação musical, mesmo que ainda a passos lentos. A orientação ainda deixa a desejar, pois neste momento a questão é ter a disciplina música disponível, e a orientação vem sendo adequada com o tempo. Vale ressaltar uma crítica neste caso, como os professores irão ensinar música se não estão adequadamente preparados?

A criação de projetos musicais contribui e muito para a aproximação do aluno à música, pois durante a realização de um projeto se espera que dele surjam bons resultados. Para isso são trabalhadas várias etapas durante um determinado tempo onde são desenvolvidas estratégias anteriormente planejadas. Um bom projeto é aquele em que há a participação de toda a família escolar e se torne significativo para os envolvidos.

As principais modificações que podem ser feitas de imediato e em longo prazo para que a música esteja inserida em sua totalidade no ambiente da Educação Infantil, pode ser exatamente a criação de projetos musicais; implementação de atividades musicais semanais no cotidiano escolar; investir na capacitação e orientação dos profissionais que irão ministrar a disciplina musical e de todos os demais professores (de forma coerente à cada função), já que a música está intrinsecamente presente durante toda a rotina infantil; criação de uma sala de música na escola onde nela possam conter materiais e recursos pedagógicos para se trabalhar a disciplina; organizar eventos musicais onde envolvam também não somente a escola mas também as famílias das crianças e a sociedade como um todo. Essas e muitas outras modificações podem ser feitas para difundir a música no ambiente escolar, para que a partir dele, se estenda ao mundo além dos muros da escola.

Somos capazes sim de pensar uma prática que valorize as possibilidades e respeite a individualidade de cada criança. É preciso ter coragem e atitude para difundir esta situação. Somos seres humanos, não somos perfeitos, mas podemos nos tornar um pouco melhores a cada dia, a cada experiência, a cada tombo, a cada novo passo.

Segundo as autoras Gonçalves e Morato (2006) ao citar a seguinte frase do autor Tevez (1992), complementa tal afirmação acima: É o olhar e não o olho que informa a existência mundana das coisas. Isso quer dizer, o olho é natural, o olhar é socialmente desenvolvido (TEVES, 1992, p.9).

As reflexões e questões apresentadas neste trabalho são apenas um dos muitos passos dados e um dos muitos que virão tratar a respeito de música e educação. Não se esgota aqui e ainda há muito a ser estudado, questionado, debatido dentro e fora das universidades. Espera-se, no entanto que tais argumentos sirvam de estímulos a novos questionamentos.

## Perspectivas Profissionais

Ao concluir o curso de Pedagogia na Universidade de Brasília tenho certeza de que fiz a escolha certa de que profissional gostaria de me tornar. O percurso não foi nada fácil, e sim de muito esforço e quebra de limitações. Porém ao fazer um balanço desses 5 anos e meio não posso negar as inúmeras experiências e conhecimentos adquiridos nesta universidade em todos os sentidos, tanto acadêmico quanto pessoal e profissional.

Com relação aos meus objetivos profissionais daqui para frente é reafirmar a certeza da minha paixão pela educação e expressar que acabo de ser contratada para trabalhar em uma escola de educação infantil momento o qual esperei muito. Espero lá poder aplicar os conhecimentos aqui adquiridos e muitos, muitos, muitos outros que sei que lá aprenderei. Com a escola e com as próprias crianças.

Pretendo continuar sendo uma professora pesquisadora, pois não quero “parar no tempo”. É preciso se atualizar constantemente e para isso gostaria de dar continuidade aos estudos pedagógicos em uma pós graduação ou especialização, de preferência na UnB. Participar de muitos seminários e encontros pedagógicos, o que já faço, mas gostaria de intensificar.

A música como já disse durante todo o trabalho, está muito presente em minha vida e pretendo que nunca se ausente. E que eu possa difundí-la sempre que possível.

E ser uma eterna educadora e aprendiz. O velho sábio estava muito correto em suas reflexões quando nos disse: *“Quanto mais sei, mais sei que nada sei.” Sócrates*

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.

\_\_\_\_\_. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, 1996.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, vol.2, 1998

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

FONTEIRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De tramas e fios: Um ensaio sobre música e educação** – São Paulo, 2005 – Editora UNESP,

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura) 2009. 39ª edição.

FULGHUM, Robert – trad. Ernesto H. Simon. **Tudo que eu precisava realmente saber, aprendi no jardim de infância**. Nacional: 2004 – Editora *Best Seller*, 1ª Edição.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. **O ensino de música na escola fundamental**.- Campinas, SP: Papyrus, 2003.

MATEIRO, Teresa; SOUZA, Jusamara. (organizadoras). **Práticas de Ensinar Música: Legislação, Planejamento, Observação, Registro, Orientação, Espaços, Formação**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

NETTO, Paiva. **É urgente Reeducar!** São Paulo, Editora Elevação, 2010.

PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. **A Atividade Musical e a Consciência da Particularidade.** Tese de Doutorado - Universidade de Brasília, Brasília, 2009, 207p.

PONSO, Caroline Cao. **Música em diálogo: ações interdisciplinares na educação infantil** – Porto Alegre: Sulina, 2008. – Coleção Músicas

SEKEFF, Maria de Lourdes. **Da música, seus usos e recursos** – São Paulo: 2007 – Editora UNESP, 2ª Edição.

VIGOTSKI, Lev. Semionovich. **Imaginação e Criação na infância:** ensaio psicológico – livro para professores. São Paulo, Ática, 2009.

# ANEXOS



## Anexo 1

Esta música ilustra muito do que foi tratado neste trabalho.

### **Desafinado**

Tom Jobim

Quando eu vou cantar, você não deixa  
E sempre vêm a mesma queixa  
Diz que eu desafino, que eu não sei cantar  
Você é tão bonita, mas tua beleza também pode se enganar  
Se você disser que eu desafino amor  
Saiba que isto em mim provoca imensa dor  
Só privilegiados têm o ouvido igual ao seu  
Eu possuo apenas o que Deus me deu  
Se você insiste em classificar  
Meu comportamento de anti-musical  
Eu mesmo mentindo devo argumentar  
Que isto é Bossa Nova, isto é muito natural  
O que você não sabe nem sequer pressente  
É que os desafinados também têm um coração  
Fotografei você na minha Rolley-Flex  
Revelou-se a sua enorme ingratidão  
Só não poderá falar assim do meu amor  
Este é o maior que você pode encontrar  
Você com a sua música esqueceu o principal  
Que no peito dos desafinados  
No fundo do peito bate calado  
Que no peito dos desafinados também bate um coração

## Anexo 2

Dedico este texto àqueles que acreditam na transformação para um mundo melhor:

“Aqui está para os loucos.

Os desajustados. Os rebeldes. Os desordeiros.

Os pinos redondos nos buracos quadrados.

Os que vêem as coisas de forma diferente.

Eles não gostam de regras.

E eles não têm respeito pelo status quo.

Você pode citá-los, discordar deles, glorificá-los ou difamá-los.

Mas a única coisa que você não pode fazer é ignorá-los.

Porque as coisas mudam.

*Eles empurram a raça humana para a frente.\**

E enquanto alguns podem vê-los como loucos, vemos como gênios.

Porque as pessoas que são loucas o suficiente para pensar que podem mudar o mundo ... são aquelas que o fazem.”

Ken Segal, funcionário de Steve Jobs (*in memoriam*)

\* Frase proferida pelo próprio Steve Jobs, que Ken Segall reaproveitou.